

## Através do Espelho: Um Olhar Invertido sobre Hábitos Culturais e Consciência Política da Juventude

*José Geraldo de Sousa Júnior*

*Professor e Diretor da Faculdade de Direito da UnB*

Em "O Banquete", um dos mais importantes diálogos de Platão, o personagem Alcebiades reivindicando a verdade de seu discurso, diz a certa altura: "não te espantes se, na evocação de minhas lembranças, as enunciar fora da ordem". Esta afirmação, certamente aproveitável pela Psicanálise porque remete à condição de presença do inconsciente na fala, passa pela famosa inversão de Lacan ao *cogito* cartesiano estabelecida a partir do entendimento de que o sujeito se encontra enredado nas malhas da linguagem: "existo onde não penso!".

Tenho em mente este registro no momento em que me deparo com os resultados de pesquisa de opinião sobre o que pensam os jovens de Brasília, levada a cabo pela CODEPLAN - Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central e o Jornal Radical, da Fundação Athos Bulcão. Refiro-me, especificamente aos resultados relativos ao tema "hábitos culturais e consciência política".

A considerar os dados estatísticos produzidos neste tópico, são pelo menos medíocres os interesses culturais e baixos os níveis de consciência política dos jovens brasilienses. Uma matéria do X-Tudo, suplemento dedicado à juventude editado pelo mais influente jornal da Capital Federal, tomou os resultados da pesquisa e concluiu: "a juventude só lê — e mal — os livros obrigatórios exigidos pelos professores, é viciada em televisão, quase não lê jornais, praticamente nunca vai ao cinema, confia cegamente na família, não quer saber de política (políticos, sindicatos, partidos), não vai ao teatro, só vê filmes de ação no cinema, é roqueira, exige diálogo na família, e sonha em curtir a vida, ter poucas responsabilidades, dinheiro e, principalmente liberdade".

E certo que uma leitura mais especializada, atenta aos cruzamentos dos dados e às realidades expressas nos números, pôde captar outros significados para a pesquisa e identificar um jovem brasiliense (de 14 a 20 anos), consciente e atento, "bem diferente do jovem alienado e distante de problemas estruturais", geralmente descrito em diagnósticos sociais e reportagens acerca de seus hábitos culturais e comportamento político (cf Jorge Haroldo, Diretor-Presidente da Codeplan e Carlos Henrique Araújo, Coordenador de Pesquisas de Opinião da Codeplan).

O que realmente é possível concluir a partir desses dados? Qual a medida de aferição das representações dos jovens acerca das questões formuladas para configurar seus hábitos culturais e seu nível de consciência?

Se é certo que explicar o jovem implica compreender o universo complexo de suas práticas e de seu singular protagonismo, tal processo não se dá senão num contexto ambivalente do que se designa em geral como cultura juvenil.

Assim é que, para fixar o marco conceitual necessário à produção de pesquisa semelhante também realizada em Brasília (Juventude, Violência e Cidadania: Os Jovens de Brasília, coordenação técnica: Júlio Jacobo Waiselfisz, Unesco/Cortez Editora, 1998), os seus realizadores chamam a atenção para as características próprias da formação de uma cultura juvenil, decorrente das novas formas de agrupamentos, demarcação de espaços e visibilidade social dos jovens, pela ação de seus movimentos, no seio da cultura de massas.

Tomando por referência alguns pressupostos formulados por Edgar Morin, esses pesquisadores assinalam a nota de ambivalência da cultura juvenil, porque "predominantemente urbana, integra-se de um lado à indústria cultural dominante, consumindo não só os produtos materiais, mas os seus valores:

felicidade, amor, lazer etc", procurando, ao mesmo tempo, "diferenciar-se, conquistar autonomia, emancipação".

Em razão disso, se se pode falar numa cultura juvenil que apresente maior visibilidade em cada época e a partir das transformações ocorridas na sociedade, "essa cultura não é, entretanto, homogênea, variando de acordo com a situação de classe" e mesmo intra-classe, proporcionando diversos modos de comportamento.

Em síntese, afirmam os pesquisadores, "a cultura juvenil apresenta ambivalências: de um lado aceita os princípios da sociedade de consumo e seus valores; ao mesmo tempo, tende a ser do contra". Entretanto, "as manifestações contrárias não assumem as características de protestos políticos organizados, mas se manifestam de outras formas".

Penso que esta é uma advertência que não se pode perder de vista ao se examinar dados referidos à consciência e às representações sobre os nossos modos de inserção no social a partir da intra-subjetividade de nossas relações.

Lucien Goldman, um importante sociólogo romeno-francês, forte na sociologia do conhecimento nos anos 60, tendo como referência Marx, Lukács e Piaget, deu grande contribuição ao estudo das categorias mentais e dos fatos da consciência em geral.

Para Goldman, concebida a vida social como um conjunto de processos por meio dos quais os grupos humanos tentam realizar um equilíbrio satisfatório com a sociedade e a natureza, nestes processos os fatos da consciência constituem um elemento ao mesmo tempo essencial e não autônomo.

Para ele, tanto os processos de conjunto como o seu âmbito consciente se chocam com inúmeros obstáculos factuais ou estruturais mais ou menos duradouros que constituem a realidade empírica desse mundo ambiente, com reflexos ativos de natureza deformante na consciência do indivíduo. "Na relação que daí resulta, - diz ele - entre o indivíduo e o mundo ambiente as reações do primeiro, tanto ao nível dos indivíduos como ao nível do conjunto do grupo, nunca se traduzem por respostas unívocas mas um campo mais ou menos vasto de respostas possíveis, campo no interior do qual as diversas atualizações se podem suceder em ritmos mais ou menos frequentes".

É sempre muito problemático, portanto, estabelecer um padrão para estas respostas e, para chegar a uma aproximação razoável, Goldman formulou dois pressupostos a partir dos quais, qualquer conjunto de condições delimita um campo de respostas possíveis, sem contudo, gerar uma resposta determinada de maneira unívoca. Segundo Goldman, "conforme o nível em que se situa a investigação, o essencial nunca será pois conhecer a consciência efetiva do grupo num dado momento, mas sim o campo no interior do qual esses conhecimentos e essas respostas podem variar sem que haja modificação essencial das estruturas e dos processos existentes".

Goldman separa, assim, a consciência efetiva ou real dos grupos, de sua consciência máxima possível, para assinalar que a consciência real dos grupos só raras vezes se aproxima de sua consciência possível, âmbito no qual se exprime a visão de mundo coletivamente elaborada no plano do pensamento conceitual e no plano da criação de um universo imaginário de personagens, de objetos e de relações.

O conceito de consciência possível, a partir de Goldman, ganha relevância notadamente para a interpretação dos processos

de ação política e para a compreensão das representações coletivas sobre as relações sociais, mostrando os limites da análise que se oriente unicamente para a observação da consciência real insuficiente para revelar os aspectos mais importantes da realidade.

Refazendo o exemplo de Goldman a propósito da análise Lenin sobre a obtenção do apoio do campesinato russo à causa revolucionária, pode-se imaginar o espanto aristocrático fiado na lealdade camponesa medida pelo seu nível de consciência real: o povo que cuspiam na tumba do czar era o mesmo que pouco antes beijava o chão que ele pisava.

Tenho para mim que esta pode ser uma ilusão que assombre quem se fie na representação imediata que os jovens oferecem em resposta às perguntas que lhes sejam formuladas em muitas pesquisas de opinião.

Não tomo necessariamente como alienação, eventual resposta em frequência inferior à expectativa do entrevistador, às perguntas por este formuladas sobre o comportamento cultural ou político dos jovens entrevistados.

Afinal, o que representa imediatamente uma resposta negativa à indagação sobre ler jornal ou ler livro além dos que são obrigatórios na escola? Que não se constituem hábitos culturais? Ou que podem estar sendo constituídos hábitos culturais por meio de outros processos?

O que significa não ter preferência ou simpatia por algum partido político? Uma recusa à política traduzida em alienação?

A criação cultural não se inscreve obrigatoriamente em lugares assinalados. Assim como o conhecimento não se produz por meio de um modo exclusivo de racionalidade. Com efeito, como reflexão sobre as condições de possibilidade da ação humana projetada no mundo, nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, diz Boaventura de Sousa Santos, racional, só a configuração de todas elas é racional e é, pois, necessário dialogar com outras formas de conhecimento, deixando-se penetrar por elas.

Se os jovens não lêem os manuais científicos, nem por isso deixam de dispor de meios de discernimento e de compreensão do mundo. Como a Alice de Lewis Carroll, entrando espelho a dentro, onde tudo acontece às avessas, olham através de seus sonhos e de seu imaginário o real apreendido por diversas formas e o interpretam com expressões múltiplas próprias a sua cultura. Aprendem fora dos lugares usuais do aprendizado e, como diz Rubem Alves, revelam sua inteligência na recusa em aprender. Na música, por exemplo, menos que um delírio declamatório, têm os jovens, uma apropriação do real por meio de uma outra linguagem.

Quase 50 anos após a conferência de Sutherland, lançando a tese do *white collar crime*, o debate chega a nossa consideração criminológica sob o impulso de uma delinquência enraizada nas instituições oficiais. Os jovens, entretanto, intuitivamente a cantam nas estrofes de Chico Buarque e Francis Hime, sobre os desvarios entreguistas de nossas elites: "Dormia/ A nossa pátria mãe tão distraída/ Sem perceber que era subtraída/ Em tenebrosas transações./".

A reação social como alternativa analítica romperá com o discurso do positivismo criminológico fundado na determinação de fatores de propiciação de natureza biopsíquica que havia naturalizado o delito e o desvio, identificando o indivíduo criminosos fora dos padrões de desenvolvimento normal como louco ou doente. Na formulação de Pintel e sua teoria da personalidade delinquential, o criminoso é visto como tal por ser portador de uma estrutura egocêntrica, lábil e efetivamente indiferente, sem perceber-se que tais fatores não são atributos naturais do indivíduo, como indicam, claramente, os classificados de jornais recrutando altos executivos, exatamente por portarem tais atributos. Estes critérios, portanto, não designam, propriamente, nem o criminoso nem o homem de bem, mas ambos: são, em suma, sociais. No rock dos Inimigos

do Rei, por isso: "O criminoso produz crime/ O crime produz polícia/ Produz médico legista/ o crime produz jurista/ o crime produz .../".

Goffman descreveu pormenorizadamente o processo de estigmatização, caracterizando a sua funcionalidade, não apenas enquanto produz formas de classificação de indivíduos em agrupamentos manipuláveis, mas porque, ao produzir estereótipos, cria bodes expiatórios e lhes atribui papel sacrificial. O debate científico pode traduzir-se em dúvida sobre controle social penal no enfoque de lei e ordem ou tolerância mínima. Os jovens cantam com Chico Buarque contra a banalização do extermínio: "E se definitivamente a sociedade só te tem desprezo e horror/ E mesmo nas galeras és nocivo, és um estorvo,/ és um tumor/ A lei fecha o livro, te pregam na cruz/ Depois chamam os urubus".

De outro lado, não podendo ultrapassar o disciplinado esforço de fundamentação próprio dos estudos lógicos sobre a contradição, supre o discurso artístico o labor filosófico para declamar o indizível, na música de Gilberto Gil: "E sempre bom lembrar que um copo vazio está cheio de ar".

"Palavras, cavalos de Tróia! Não sabemos o que elas carregam", diz Rubem Alves, pleiteando em torno delas um acordo operacional. O jovem muitas vezes está exatamente onde não diz, mas onde canta, profanamente, como em Caetano: "De perto ninguém é normal/ As vezes segue em linha reta/ a vida que é meu bem e meu mal/". Alienação hedonista, festa, irresponsabilidade? Onde digo não sou, sou onde canto, como no rock dos Titãs: "A gente não quer só comida/ a gente quer comida, diversão e arte./ A gente não quer só comida,/ a gente quer saída para qualquer parte/".

Nas conclusões do estudo Juventude, Violência e Cidadania: Os Jovens de Brasília, já referido, os pesquisadores sustentam existir transformações significativas na composição da categoria juvenil e falam de uma perda de expressão dos movimentos contestatórios como o estudantil - diante do surgimento de várias manifestações culturais produzidas por grupos de jovens de diversas origens sociais, reivindicando direitos humanos e sua própria cidadania.

Esta é a base de um comportamento político, cujo conhecimento, centrado em valores, percepções, representações, tipos de sociabilidade e de relações sociais, abrange várias esferas da atuação do jovem no social, entretanto, não necessariamente, também, nos lugares usuais da política, porém, muitas vezes, no espaço da vida cotidiana repolitizado.

Boaventura de Sousa Santos em análise sobre a sociedade capitalista, concluiu ser a democracia representativa e suas instituições nucleares - associações, sindicatos, partidos o máximo de consciência política possível no contexto desta forma de sociabilidade. Ultrapassar esse máximo, aprofundando as relações sociais e as formas complexas de civilidade que elas produzem é aposta numa teleologia sem garantias, numa indeterminação que faz o futuro ser futuro, mas que joga todo o seu cacife na possibilidade de uma renovação democrática.

Para Boaventura, a renovação democrática e da teoria democrática assenta, antes de mais, na formulação de critérios democráticos de participação política que não se confinam nem no ato de votar, nem na inserção nos modos associativos tradicionais, senão numa articulação entre processos democráticos representativos e participativos diretamente.

"Para que tal articulação seja possível é, contudo, necessário - diz Boaventura - que o campo do político seja radicalmente redefinido e ampliado. A teoria política liberal transformou o político numa dimensão setorial e especializada da prática social — o espaço da cidadania — e confinou-o ao Estado. Do mesmo passo, todas as outras dimensões da prática social foram despolitizadas e, com isso, mantidas imunes ao exercício da cidadania. A repolitização global da prática social e o campo político imenso que daí resultará permitirá desocultar formas novas de opressão e de dominação, ao mesmo tempo que

criará novas oportunidades para o exercício de novas formas de democracia e cidadania".

Têm razão os pesquisadores do projeto Unesco sobre os jovens de Brasília, em suas recomendações. Pensar os jovens, eles indicam, implica tornar relevante seus espaços, suas idéias e práticas e sobretudo, considerá-los como atores com os quais é possível estabelecer uma relação dialógica.

Quando nega valores sociais, tenta criar estilos de vida, contesta a cultura vigente, quando simplesmente recusa participar, a juventude de fato participa, contesta, se politiza. Há, nesse processo, próprio à cultura jovem, uma visão crítica da realidade que é transformador e acaba por modificá-la.